

**Notas da síntese de Julián Carrón**  
**no Centro Nacional dos Universitários de Comunhão e Libertação**  
Milão, 24 de fevereiro de 2018

Depois do que ouvimos esta manhã, mostra-se mais claramente, na nossa experiência, qual é a grande alternativa perante a qual cada um de nós se encontra: para usar as palavras de um de vocês, a alternativa é muito simples: é entre o “já sabido” e “o mendicante”, entre o “já sabido” e a pobreza. Nós já a expressamos noutros termos, pela comparação entre a posição de Kant e a do Inominado de Manzoni. A alternativa que nós vemos na nossa experiência é, com efeito, a mesma que permeia o grande debate cultural. Não é apenas uma questão que diz respeito a um grupo de jovens reunidos num determinado lugar de Milão: não, é o núcleo do grande debate à escala cultural, global. Qual é a posição de Kant à qual me refiro? Ele – embora reconhecendo que, se o Evangelho não nos tivesse trazido um certo modo de conceber o homem e de viver, nós jamais poderíamos tê-lo descoberto, alcançado – pensa: uma vez que nos foi trazido, podemos mantê-lo sozinhos, com a força da nossa razão e da nossa vontade. Também nós, acerca do acontecimento que nos conquistou e atraiu aqui, poderíamos pensar: “Agora já o sabemos e conseguimos governar-nos”. Mas hoje, em todo o percurso que fizemos, o grande desafio foi educar-nos para uma pobreza, para o reconhecimento de que o que recebemos não pode ser criado por nós, não o “sabemos já”, precisamos que aconteça agora, que nos seja doado novamente agora. Sem esta pobreza, nós perdemos tudo e bloqueamos a cada passo do caminho.

Como dizia outro de vocês, desde o começo de cada dia podemos, com pobreza, com disponibilidade, ficar perante a voragem da vida que há dentro de cada um de nós, ou então ignorá-la. Há com efeito uma voragem, uma urgência em nós, a mesma que Flaubert descrevia com tons fortes pela boca de Madame Bovary, que desmascara todas as mentiras e nos deixa, mesmo depois de aparentes conquistas, com “um bocejo de tédio” (*Madame Bovary*, São Paulo: Nova Alexandria, 1993, p. 298). Quando, porém, esta voragem encontra resposta e é levada a sério, acontece o que dizia o canto: “Vou dormir querendo despertar”.

Tudo depende, como vimos, da nossa disponibilidade, da pobreza em deixar-nos provocar por aquilo que acontece: a voragem do começo do dia, e depois – vocês é que fizeram a lista – as eleições, os exames, o gesto da Escola de Comunidade, a vida das comunidades. Não somos nós que sabemos qual é a maneira como somos levados a ver a vitória sobre o “bocejo de tédio” de que fala Flaubert. Não o sabemos já. E quem o diz somos nós, que somos cristãos: imaginem os outros! Cada um de nós que está aqui deveria dizer: “Eu, que andava nessa escuridão – como a maioria –, de repente foi-me acontecer algo que mudou tudo”. Mas num determinado momento podemos pensar: “Já sabemos”. Porém, se partirmos dos factos, ou seja, se constantemente nos deixarmos desafiar por aquilo que acontece – “há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia” (cf. Shakespeare, *Hamlet*, ato I, cena V) –, então começa um caminho, um percurso no qual nunca deixamos de descobrir um horizonte cada vez mais entusiasmante.

É precisamente nesta época de racionalismo, nesta sociedade líquida, onde não há raízes, onde todos estamos desorientados, que acontecem as coisas que ouvimos descritas esta manhã, não na Idade Média, num mundo mais homogêneo, não; o que ouvimos testemunhado esta manhã acontece nesta nossa sociedade líquida. Portanto, “não temos falta de nenhum dom de graça” (cf. 1Cor 1,6-7) para poder percorrer um caminho, se nós estivermos a seguir o desígnio de Outro, que continua a chamar-nos através das circunstâncias, através desta realidade aparentemente banal que são as circunstâncias. E então nós mesmos começamos a espantar-nos com o que acontece,

começamos a alcançar uma certeza que nos permite encarar tudo: até as dúvidas, que pareceriam a coisa que mais pode minar essa certeza, que mais pode atingir o coração dessa certeza, tornam-se uma ocasião, um recurso para descobrir ainda mais o que vence toda e qualquer dúvida, o que responde a toda e qualquer pergunta.

Há quem possa pensar, olhando para si ou para os outros que estão com ele: “Mas como é possível, estamos aqui e as dúvidas aumentam?”. No entanto, alguém ter dúvidas pode ser um contributo para ti, porque te obriga a perguntar: “Como será que eu posso responder a estas dúvidas?”. Não podes responder simplesmente dando uma aula sobre a dúvida ou sobre a certeza, isso nunca será suficiente. Como é que o Mistério responde às dúvidas? Fazendo acontecer diante dos teus olhos algo que te corresponde, que te atrai, e te torna certo. Se te viesse alguma vez a dúvida: “Será que minha mãe me ama?”, onde é que poderias ir buscar uma resposta? Só à tua experiência, e por isso ficarias ainda mais atento para veres se naquilo que a tua mãe faz tu encontras uma resposta para a tua pergunta. Às dúvidas, com efeito, não se pode responder com uma teoria ou com uma explicação, mas com os factos. É preciso identificar no real factos que respondam às dúvidas. Então, as dúvidas dos outros, como as vossas – porque às vezes as dúvidas dos outros são as nossas – fazem com que vocês fiquem muito mais atentos à vida da comunidade, reparem em coisas que antes tinham ignorado, ponham a mão na massa. Não importa se antes uma pessoa não levou em consideração certos factos: a questão é se, quando o Senhor lhe dá o dom de dar-se conta, quando a rodeia de amigos que a ajudam a olhar, ela fica disponível para seguir esse dom, para reconhecer. E então dará por si a dizer: “Mas que graça que isto tenha acontecido!”, e assim vai começar a responder às dúvidas.

Não somos visionários que se esforçam para ver o positivo, para responder às dúvidas achando-nos mais do que somos, não: há coisas que acontecem no real e que podemos reconhecer, nas quais encontram resposta as nossas perguntas e as nossas dúvidas. Senão seríamos como as mães em relação aos desenhos dos seus filhos: mesmo que sejam rabiscos, dizem que estão lindos, para não os desencorajar! Assim, para não nos desencorajarmos, nós também poderíamos acabar a dizer as coisas como não são, coisas que não resistiriam a uma verificação do real. Por isso, até as perguntas, até as dúvidas, são parte do caminho, porque nos obrigam a não andar em piloto automático dizendo: “Tudo bem, ótimo!”. Quando te aparece uma dúvida, uma pergunta, isso faz-te deixar de andar em piloto automático, obriga-te a responder com factos, senão não continuarias aqui. Ainda bem que aparecem algumas perguntas, ainda bem que nos surgem algumas dúvidas, de vez em quando, porque temos de começar a dizer “eu”, não podemos aderir só de forma sentimental, ou piedosa, devota, ou dizer algumas coisas só porque somos católicos.

Tudo isto é vertiginoso e libertador. O modo com que o Mistério responde às nossas perguntas não é um pacotinho de verdades das quais, num determinado momento, podemos dizer: “Eu já sei, já tenho o pacotinho, aprendi na catequese, agora já tenho a resposta para tudo”. Não. O modo com que o Mistério continua a realizar, a transmitir – como dizíamos na Jornada de Início de Ano – a verdade (estamos a ver isso também na Escola de Comunidade, com o texto do *Porquê a Igreja*) é um acontecimento, uma realidade irreduzível aos nossos projetos e às nossas capacidades, um desígnio que não é o nosso: para usar as palavras de Von Balthasar, que citei no início de ano, é o doar-se constantemente do Filho ao Pai para a salvação do mundo. Este é o desígnio de Deus, como vemos continuamente nos Evangelhos. Dou um exemplo entre muitos. Quando Jesus pergunta aos seus: “E vós, quem dizeis que eu sou?”, Pedro responde: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo”. Jesus faz-lhe uma grande “festa”, elogia-o como jamais fizera com ninguém: “És feliz,

Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no céu” (cf. Mt 16,15-17). Um instante depois, Pedro acha que “já sabe”, e com isso que acha que já sabe, quando Jesus lhes diz: “Vamos para Jerusalém”, reage: “Como? Jerusalém?”. Em nome do já sabido, Pedro coloca Jesus no banco dos réus: “Não é possível! É uma loucura!”. E Jesus diz-lhe as palavras mais duras que jamais dirigira a alguém: “Afasta-te, Satanás!” (cf. Mt 16,21-23). Dez minutos depois! Em nome do já sabido nós ditamos ao Mistério como deveria ser, como deveria agir.

Só se estivermos disponíveis a seguir o desígnio de Outro, que nos chama nas várias circunstâncias, é que realmente começamos a ter respostas através dos factos e a dar-mos conta de que o Seu desígnio é mais inteligente do que aquilo que nós achávamos que já sabíamos. É preciso aprender a pobreza que nos torna disponíveis a seguir o desígnio de Outro, que ainda não conhecemos e que só aprendemos seguindo-o. É através desse desígnio que Ele responde a todas as nossas perguntas, a todas as nossas dúvidas. Então conseguimos ver realmente o que muda na nossa vida. Mostrou-nos isso o exemplo da nossa amiga que falou antes; já tinha decidido fechar a porta, render-se a certas dificuldades, mas o Mistério abriu de novo uma brecha nela, através de uma forma imprevisível e absolutamente cheia de ternura: uma amizade, uma preferência. É impressionante! Diante da amizade com alguém, da preferência que Deus fez surgir no coração dela em relação a um amigo – uma coisa que nos pareceria quase nada –, em vez de bloquear-se num: “Ah! eu já sei”, deixa-se arrastar, segue a maneira com a qual o Mistério a chama, e então vê em si mesma uma mudança: já não pode voltar para a cidade onde estuda sem se lançar no real com toda uma outra postura. O seu “sim” a uma coisa que ninguém poderia ter previsto, sabido, que não aparece nos jornais, que não consta da história oficial, que ela não confessa nem sequer a si mesma, um “sim” simples, no profundo do coração, tem uma relevância para ela e para o mundo. Quem foi testemunha do “sim” de Nossa Senhora? Ninguém! Mas graças a tudo o que se desenvolveu depois, graças ao resultado impressionante e imprevisível que dali brotou, nós pudemos tocá-lo com as mãos. Sem aquele “sim”, nós não estaríamos aqui.

Tudo se desenrola nesse recinto sagrado do diálogo entre cada um de nós, entre a intimidade mais profunda de cada um de nós, e o Mistério, que nos chama pela maneira que Ele escolhe e que nós não conhecemos. Quando a aceita, a pessoa começa a encontrar as respostas às suas perguntas, às suas dúvidas, à sua situação, consegue estar diante da comunidade e de tudo. Cristo não nos responde com uma explicação. Não deu à nossa amiga uma definição. Cristo continua a fazer como sempre fez: chama por meio de algo que faz surgir no encontro com outro. E isso tem um poder de responder às nossas dúvidas e às nossas perguntas maior do que qualquer explicação. Quando faz uma experiência dessa resposta, a pessoa entende os momentos e as riquezas da história a que pertencemos, que é a Igreja. Um padre da Igreja chamado Orígenes dizia que o Cristianismo tem – para usar a palavra – uma “lógica” mais poderosa do que a dialética grega, uma capacidade de convencimento maior do que qualquer explicação (cf. Orígenes, *Contra Celsum*, 1,2). “Mas o que é mais poderoso do que uma explicação?”, poderíamos perguntar. Agora podemos entendê-lo, pelo que vimos esta manhã: os factos, ou, como diz Orígenes citando São Paulo, “a demonstração ‘do Espírito e de poder’”, quer dizer, o cumprimento das profecias e os milagres. “Uma coisa – objetava Lessing – são os milagres que eu possa ter visto e examinado pessoalmente, e outra os milagres de que só tive notícia historiográfica dada por outros que pretendem tê-los visto e examinado. [...] Se tivesse vivido na época de Cristo, [...] se até mesmo o tivesse visto operar milagres, [...] então [...] eu com certeza teria uma confiança tal que submeteria de bom grado meu intelecto ao seu e teria fé

nele em relação a qualquer coisa a que não se opusessem experiências igualmente indubitáveis”. Se não fomos testemunhas dos milagres de Jesus, como podemos chegar a conhecê-Lo?

O moderno Lessing acrescentava: “Se eu experimentasse pessoalmente, ainda no dia de hoje, o mais indiscutível cumprimento de profecias relacionadas a Cristo ou à religião cristã [...], então com certeza nada me impediria de aceitar essa ‘demonstração do Espírito e de poder’, como a define o apóstolo” (G.E. Lessing, *Sul cosidetto “argomento dello spirito e della forza”*. In: *La religione dell’umanità*, Roma-Bari: Laterza, 1991, p. 66). Sem ver os milagres, não é possível ter a mesma possibilidade de encontrar resposta de quem os vê. Lessing tem razão: ele reconhece no fundo que a demonstração de Orígenes, no princípio do Cristianismo, serve também para a modernidade, assim como serve para nós. O que diferencia Orígenes de Lessing é que Lessing sustenta não ver essas coisas no presente, não ver os factos. Por isso Orígenes afirma que a melhor demonstração da fé cristã não são só os milagres que Jesus fez, mas os milagres que continuam a acontecer entre os que vivem de acordo com o Verbo da vida. O que convence, o que responde às nossas perguntas, às nossas dúvidas, são os factos, ou seja, o milagre da mudança que com os nossos olhos vemos ocorrer em nós e nos nossos amigos: e quando acontece em nós, os outros também se interessam, se impressionam com o que vivemos. Este é o nosso contributo para o mundo.

Por isso, à observação de um de vocês, que dizia que, até diante das coisas mais bonitas que lhe acontecem, é como se lhe faltasse algo e não chegasse a agarrá-las até o fundo, respondo que falta algo porque os factos de que falamos têm dentro de si um ponto de fuga, para usar as palavras de Dom Giussani. A Revelação não apaga o Mistério, torna-o mais profundo. Os discípulos tinham pescado a noite toda e não tinham apanhado nada. Chega Jesus e diz-lhes: “Lançai as vossas redes para o outro lado”. “Mestre, pescámos a noite inteira e não apanhámos nada!”. Como quem diz: nós é que somos os especialistas, mas se tu o dizes...! Estavam acostumados com um ponto de fuga, porque já tinham tido experiência suficiente d’Ele. Tinham na sua frente alguém que não podiam enfiar no “já sabido”: era tudo, menos já sabido. “Se tu o dizes, nós abrimo-nos também a essa possibilidade”. Assim, diante do milagre daquela pesca espantosa, Pedro ajoelha-se e diz: “Afastate de mim, Senhor, porque sou um pecador” (cf. Lc 5,4-8). Ora, este facto não tinha eliminado o Mistério; aliás, Pedro estava diante de alguém que o tornava ainda mais evidente: “Quem é este?”. A questão é que agora – pelo que vimos esta manhã e que vocês comprovaram – eu me pergunto “Quem é este?” diante de alguém real, de um homem, a quem não posso ser superior dizendo: “Agora entendi”. Ele supera-me por todos os lados. Este é o sinal de que estamos diante de um Outro, não de algo que podemos fechar no nosso pacotinho. Se não faltasse nada, se não tivesse nada para descobrir amanhã, não valeria a pena acordar; no entanto: “Vou dormir querendo despertar”, para continuar a busca.

Só se virmos continuamente as coisas que foram testemunhadas esta manhã, é que poderemos responder ao maior desafio, que é o que dizia quem falou no final. Podemos, com efeito, ver tudo o que vimos esta manhã, podemos falar da pobreza, podemos dormir com o desejo de despertar e pedir, mas tudo isto pode ser posto em discussão, como num eclipse, pelo fato de que “a minha fragilidade é enorme”. Temos a tentação de um último alibi: “Eu não consigo dizer o ‘sim’”. E aqui vem o grande desafio, que – como podem ver – não se resolve com uma explicação. Como é que Jesus desafia os discípulos? Quando todos O abandonam e ficam só os doze, Jesus, em vez de fazer mais algum milagre para os convencer, reforça a dose com uma pergunta: “Também vós quereis ir embora?” (Jo 6,67). Não lhes diz algo abstrato, provoca-os no profundo do eu deles. O

que Ele faz, de facto, com essa pergunta? Obriga-os – e esta é uma decisão dos discípulos e de cada um de nós – a olhar para a tentação que têm de ir embora, a tentação de ceder à própria fragilidade, de dizer não. Obriga-os com uma pergunta porque, para responder a esta, têm de olhar para trás, percorrer tudo o que viram. Só quando puseram a experiência deles na frente dos olhos, é que dizem: “A quem iremos?” (Jo 6,68). Não ficam ali com a cabeça enfiada na terra, sentimentalmente; não. A pergunta que Jesus lhes dirige, a pergunta que aparece em nós, como vimos hoje, é crucial para uma adesão cheia de razão, para dizer um “sim” razoável. Ninguém quer que aqui alguém diga um “sim” sem razões. E as razões são os factos através dos quais o Mistério responde às nossas perguntas.

Então damo-nos conta de que o problema, como dizia Dom Giussani, não é o desempenho. Quando lhe objetavam: “Dá para ver que Giussani ama Jesus e eu, pelo contrário, não o amo tanto assim”, ele replicava: “Por que opõem aquilo que vocês não teriam àquilo que eu teria? Por quê, o que eu tenho? Eu tenho este sim e basta” (L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, Milão: BUR, 1999, pp. 203-4). Pois bem, nós, no fundo, queremos algo que nos poupe do “sim”, esperamos por alguma coisa em que nós não precisaríamos dizer “sim”. Não existe, não seria humano! Cristo não quer alguém que esteja aqui só por um formalismo, quer que seja livre, como eu dizia a um taxista que se escandalizava com o facto da liberdade. “Mas o senhor, para não correr o risco da sua mulher ser infiel, preferiria um mecanismo? Ou preferiria que sua mulher o amasse livremente?”. E ele: “Preferiria que fosse livre”. Todas as objeções foram pelos ares. “Eu gostaria que a minha mulher me amasse livremente”. Bastou-me então perguntar: “E acha que Deus tem um gosto pior do que o do senhor? Poderia ter criado pessoas não frágeis, pessoas sem liberdade, pessoas sem dúvidas. O que lhe teria custado? Tinha feito o céu, a terra, os pássaros, os peixes, poderia ainda ter feito outros seres diferentes do homem. Mas preferiu criar o homem, um ser que O amasse livremente”. Este espaço da liberdade não pode ser apagado. Por isso, cada um de nós é chamado a esse “sim”. Só na medida em que cresce uma história de factos que alimentam a certeza da paixão de Cristo por nós, é que podemos dizer-Lhe um sim “de antemão”, como observou um de vocês, um “sim” antes de qualquer coisa, porque já temos certeza. Só com esse “sim”, mesmo se ainda não vejo o que vai acontecer, é que a história me mostrará a forma com que Cristo me responde. Só quem aceitar esperar é que vai poder ver a resposta.

É isto o que torna a vida fascinante. Então, crescendo, paradoxalmente, em vez de virarmos torcedores do “já sabido”, tornamo-nos cada vez mais torcedores do desejo de ser pobres. Quanto mais a pessoa se der conta do que Cristo opera em sua vida, mais lhe acontecerá como ao Inominado, que é um emblema para cada um de nós: o Inominado tinha fragilidades para dar e vender, como todos nós, mas nenhuma fragilidade conseguia justificar o não ceder a um amor tão desconcertante como o que recebeu com o abraço do cardeal. Assim, quando o cardeal lhe diz: “Tu vais voltar, não é verdade?”, imediatamente responde: “Se vou voltar? [...] Se o senhor me recusasse, eu ficaria obstinado à sua porta, como o pobre” (A. Manzoni, *I promessi sposi*, Milão: BUR, 2012, p. 486). Esta é a maturidade da fé: originar um pobre como este, cada vez mais obstinadamente mendicante por causa da consciência de que apenas a Presença ocorrida em sua vida, e o que recebe dela, pode levá-lo à plenitude que todos desejamos, pode responder à voragem que nós somos.

É um caminho apenas para audaciosos, se me permitem usar esta expressão.